



## O caminho metodológico da pesquisa Nossa Terra em outras terras: os descendentes de eslavos na Zona da Mata Rondoniense

Jania Maria de Paula<sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho descreve sucintamente os passos iniciais da pesquisa de campo desenvolvida para a construção da tese Nossa Terra em outras terras: os descendentes de eslavos na Zona da Mata Rondoniense. A pesquisa está inserida no Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia, da Universidade Federal do Amazonas e tem por objetivo analisar, a partir dos processos de desterritorialização e reterritorialização dos migrantes paranaenses descendentes de poloneses e ucranianos a ocorrência da construção de novos territórios que abriguem seus modos de vida originais naquele espaço sociogeográfico. O recorte geográfico se estende pelos municípios de Rolim de Moura, Novo Horizonte do Oeste e Nova Brasilândia do Oeste, utiliza-se da técnica de aplicação de formulários associada à técnica da história oral de vida, por entender que tal associação seja capaz de resgatar a construção do espaço sociogeográfico local considerando as vivências de seus próprios construtores.

**Palavras-chave:** História oral. Eslavos. Migrações. Rondônia.

### 1 Introdução:

O processo de colonização dirigida em Rondônia implantado e administrado pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA a partir da década de 1970 provocou um intenso fluxo migratório para a Amazônia, em especial para o sul da região e atraiu levas de migrantes originárias de todas as partes do país com maior destaque para os estados do Paraná, Minas Gerais e Espírito Santo (CUNHA e BAENINGER, 1999). Estes três estados enviaram para Rondônia contingente de suas populações empobrecidas.

Entre os mais diversos resultados produzidos pela rápida ocupação do espaço geográfico rondoniense, um deles foi a convivência, não sem conflitos, das populações migrantes portadoras de características de diversas culturas regionais com as populações locais, notadamente as indígenas.

---

<sup>1</sup>Geógrafa, professora do IFRO campos Ji-Paraná, doutoranda do PPGSCA/UFAM - Sociólogo, professor permanente do PPGSCA/UFAM, campus Manaus.



Os fluxos migratórios que tiveram Rondônia como local de destino constituíram-se a partir de processos históricos regionais, bem como pelas conjunturas políticas e econômicas de âmbito nacional e internacional. Neste contexto, como assevera Carlos Santos (2007) a partir de 1970 o fluxo migratório para Rondônia passa a ter origem não mais na região Nordeste e sim no Sul-Sudeste, a população sulista migrada para a região possuía uma tradição de campesinato e da propriedade familiar da terra. Porção significativa dessa corrente migratória dirigida ao Estado foi composta por filhos, netos ou bisnetos de italianos, alemães (pomeranos), ucranianos ou poloneses imigrados para o Brasil entre o final do século XIX e meados do século XX, momento em que fixaram-se em colônias do Sul e lá reproduziram o modo de vida camponês europeu.

Entre outros motivos, a presença dos descendentes de eslavos na Zona da Mata Rondoniense poderia ser explicada, inicialmente, pela própria tradição do campesinato que costuma obrigar membros da unidade familiar camponesa a empreender busca por novas terras onde lhe seja propícia a manutenção de seu modo de vida (SEYFERT, 2009).

Soma-se a esta estratégia comum de permanência do vínculo camponês com a terra, o violento processo de sua expropriação por que passaram as populações do campo assentadas no Paraná, consequência da modernização agrícola que ocorreu no Estado pós década de 1960 e engendrada pela territorialização do capital. Ao analisar a modernização agrícola paranaense, Eliane T. Paulino afirma que

[...] o ônus recaiu sobre os produtores pequenos, por não disporem de recursos financeiros suficientes para a mudança do padrão tecnológico da agricultura, bem como não disporem de crédito adequado às suas necessidades. A esses, o investimento estatal veio na insidiosa propaganda sobre um novo Eldorado que, paradoxalmente, transformou Rondônia em um reduto de paranaenses. (PAULINO, 2012, p. 94)

Somente o Paraná foi responsável pelo “envio” de 36% dos migrantes que se fixaram em Rondônia (CUNHA e BAENINGER, 1999). Ainda que as políticas do órgão oficial de colonização – o INCRA – não direcionassem contingentes migratórios regionalizados aos projetos integrados de colonização (PIC) e aos projetos de



assentamentos dirigidos (PAD), muitos dos grupos chegados em Rondônia se instalaram em áreas geográficas próximas, estabelecendo o que Carlos C. Teixeira (1999) denominou como núcleos de descendentes. Os núcleos<sup>2</sup> propostos pelo autor foram: i) Vilhena – gaúchos de origem alemã e italiana; ii) Rolim de Moura – paranaenses de origem ucraniana e alemã; iii) Ariquemes – paranaenses de origem italiana e polonesa.

Os municípios de Rolim de Moura, Novo Horizonte do Oeste e Nova Brasilândia do Oeste, componentes da microrregião administrativa conhecida como Zona da Mata Rondoniense, recorte geográfico de nossa pesquisa, foram ocupados por descendentes de ucranianos e alemães, como sugere Teixeira (op. cit.).

Tomando por base a formação migratória constituída na chamada Fase de Colonização Agrícola de Rondônia, consolidada a partir da década de 1970, juntamente com as informações de Teixeira, a pesquisa em andamento *Nossa Terra em outras terras: os descendentes de eslavos na Zona da Mata Rondoniense*, vinculada ao Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia, da Universidade Federal do Amazonas estabeleceu um recorte populacional considerando somente os descendentes de poloneses e de ucranianos, enquadrados ao termo *descendentes de eslavos* e se propôs a buscar respostas para compreender como estes dois grupos migrados se relacionam e se organizam com/no espaço sociogeográfico local. Averiguar a relação existe entre sua cultura de tradição camponesa e a produção social do espaço, como vivem atualmente tais grupos étnicos de incontáveis semelhanças e também com diferenças socioculturais entre si, o que sobreviveu e o que se transformou em suas culturas de origem, enfim averiguar se existe um *ethos* diferenciado em relação à população local da região a ser pesquisa e se concebem-se como portadores de identidade étnica diferenciada.

No projeto de pesquisa inicial nos propúnhamos a compreender como se deu o processo de desterritorialização e reterritorialização dos paranaenses descendentes de ucranianos migrados àquela região de Rondônia, Entretanto, nos primeiros momentos

---

<sup>2</sup> Na regionalização econômica e administrativa do Estado, estes núcleos equivaleriam respectivamente aos municípios do sul ou região do Cone Sul, polarizados pelo município de Vilhena; aos municípios do centro leste ou região da Zona da Mata polarizados por Rolim de Moura e aos municípios do centro-norte do estado ou Zona do Estanho que têm como polo o município de Ariquemes.



dos estudos exploratórios foi possível perceber que há uma quantidade expressiva de descendentes de poloneses, além de forte miscigenação entre as duas etnias. A partir de tal verificação, optamos por inserir também os primeiros no universo de interlocutores da pesquisa.

A pesquisa é de caráter qualitativo, deverá ser construída sob uma abordagem socioantropológica. Utiliza como técnica de investigação a aplicação de formulários semiestruturados em conjunto com a história oral de vida por entendermos que assim, seja capaz de resgatar a construção do espaço sociogeográfico local considerando as vivências de seus próprios construtores. É o caminho metodológico tecido até o momento sob o viés da história oral que este trabalho pretende abordar.

## 2 O encontro das metodologias

Para o desenvolvimento de pesquisas que sondam modos de vida é sempre pertinente a utilização da etnografia, a observação prolongada e estreita convivência com os grupos envolvidos. Entretanto, com extensa área de abrangência formada pelo recorte geográfico desta pesquisa, a etnografia tornou-se metodologia inviável, motivo que nos levou a optar pela aplicação de formulários semiestruturados.

Ocorre, porém, que em nossa concepção a aplicação desta ferramenta como técnica de investigação única resultaria em um trabalho de análise superficial, composto somente por dados estatísticos frios e que poderiam tornar-se incapazes de representar a situação mais próxima da realidade vivida e vivenciada pela população envolvida na pesquisa.

Buscado maior riqueza de detalhes, a valorização do caráter qualitativo da pesquisa, a confirmação segura dos dados estatísticos obtidos através dos formulários semiestruturados, somados ao alerta consciencioso de P. Bourdieu (2012) para a necessidade de o investigador social romper com o monoteísmo metodológico, optamos pela utilização em conjunto da história oral de vida fundamentada nos conceitos de José Carlos S. B. Meihy.

Nesta pesquisa dispensamos à história oral o *status* de técnica de investigação por possibilitar análise mais aprofundada das concepções e percepções de mundo que



costumam apresentar os membros de sociedades culturalmente diferenciadas (PAULA, 2008). Entendemos que tal técnica de investigação permite aos movimentos de minorias culturais encontrarem nela espaço para abrigar suas palavras, dando sentido social às experiências vividas sob diferentes circunstâncias conforme assegura J. C. Meihy (2005).

Este autor nos assegura que se a história oral é ferramenta, técnica, metodologia ou mesmo uma nova disciplina, seu objetivo na verdade é a coletividade, é a ela que o trabalho deve se dirigir, e para tal, exige-se rigor na elaboração.

Com a história oral é possível estabelecer um diálogo em que o narrador fala sobre suas vivências, sobre as passagens, o vivido, o que carrega de sua comunidade de referência (SANTO, 2002), é capaz de ouvir e valorizar pessoas e suas histórias que dificilmente seriam evocadas pela historiografia oficial.

Michael Pollak (1989) argumenta que ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressalta a importância de minorias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõe à memória oficial. No caso dos migrantes descendentes de eslavos hoje vivendo em Rondônia, trata-se de uma população invisível à sociedade local/regional e assim como outros seguimentos da sociedade rondoniense manejada pelos interesses do governo brasileiro ao longo da construção da história nacional.

### **3 A construção da rede**

O estudo exploratório ocorreu no período de abril de 2014 a janeiro de 2015. Inicialmente procuramos estabelecer estratégias para a construção de uma rede de colaboradores de pesquisa, os nossos interlocutores.

A estratégia primeira foi uma busca aos arquivos batismais da Igreja Católica do município de Rolim de Moura/RO, lá tivemos acesso aos livros de registros datados entre 1980 e 1997. Deles retiramos informações consideradas capazes de nos conduzir aos possíveis descendentes de eslavos, as informações observadas foram o sobrenome do batizando, dos pais, dos padrinhos, data de nascimento e do batizado, local de casamento dos pais e capela onde teve lugar o evento.



O resultado da prospecção foi uma lista com exatos 200 registros. A base principal para o registro foi a característica eslava do sobrenome. De início percebemos tratar-se de um precioso material, no qual é possível visualizar um perfeito mapa trilhado por caminhos e descaminhos de um grupo de migrantes e que sugere ter seu modo de vida condicionado pelo fenômeno da migração quando, geracionalmente, os sonhos e desejos se repetem: conseguir um pedaço de terra.

Com a listagem em mãos, o próximo passo foi buscar pelas famílias selecionadas para os contatos iniciais, averiguação da etnia e convite à participação na pesquisa. Novas informações e considerações foram construindo-se, hipóteses confirmando-se, teorias consolidando-se: a migração como fator de manutenção do campesinato, efetivada pela saída de membros da família em busca de novas terras.

A procura pelo contato dos integrantes da lista nos mostrou que parte das famílias assentadas nos municípios da Zona da Mata Rondoniense pós década de 1970 não conseguiu consolidar ali o “sonho de viver na terra” e prosseguiu procurando se estabelecer em outras regiões quer do Estado de Rondônia como em municípios de São Francisco do Guaporé ou Buritis, criados mais recentemente; quer em outros estados da região como no sul do Amazonas e noroeste do Mato Grosso. Tais movimentos, somente reforçam a tese de não fechamento da fronteira agrícola na Amazônia defendida por J. Binsztok (2012).

O forte movimento migratório para as outras áreas rondonienses ou para outros estados do Norte evidenciou a desatualização de nossa primeira listagem, vale recordar que os primeiros registros batismais aos quais tivemos acesso datam da década de 1980. Nossas andanças iniciais pelas estradas vicinais da área delimitada pelo recorte geográfico da pesquisa se constituíam num esforço parcialmente infrutífero, obrigando-nos a buscar novas formas de auxílio como visitas aos laticínios de Rolim de Moura, receptores de grande parte da produção leiteira da Zona da Mata. A partir do acesso das listagens de fornecedores aos laticínios, reelaboramos as listas e os resultados passara a ser positivos.

A lista de possíveis interlocutores registrava baixas na medida em que chegávamos até os descendentes de eslavos, contando ou não com sua colaboração na pesquisa. Cabe registrar que no decorrer dos trabalhos de campo, encontramos sempre



boa vontade por parte dos interlocutores em colaborar com a pesquisa. Neste ínterim, outras formas de contato estabeleciam-se, a própria rede mundial de computadores, especificamente as redes sociais, constituíram uma importante ferramenta de aproximação ao apresentar bons resultados para o contato com descendentes eslavos moradores das sedes dos municípios.

Após contatos iniciais com uma conversa informal de sondagem, separamos nossos interlocutores para a aplicação das técnicas de investigação. De maneira mais generalizada, o convite inicial se dava para uma entrevista que respondesse ao formulário semiestruturado. Tais momentos, entretanto, sempre foram de grande espontaneidade, recheados de boas conversas, histórias e “causos”. Logo após o término da entrevista construíamos um pequeno perfil do entrevistado com vistas a preservar importantes informações que não foram objetos das questões expressas nos formulários, mas que fluíram no decorrer das conversas.

Quando, nessas famílias, encontrávamos narradores em potencial, aqueles que vivenciaram o processo de migração do Sul até Rondônia, que foram pioneiros na região, que carregaram o cacaio<sup>3</sup> nas costas... enfim, que tiveram participação direta na construção inicial do espaço sociogeográfico de cada um dos municípios pesquisados, o convite era então, para uma entrevista gravada sobre a sua história de vida.

Contamos desta forma, com seis entrevistas gravadas, transcritas e transcriadas (MEIHY, op. cit.). Até este momento da pesquisa, já “passaram pelo processo de transformação da oralidade para a escrita na intenção de alcançar um texto comunicável, sendo também uma busca pelo outro” (MACIEL, 2013, p. 18), também já foram submetidas ao processo de conferência como os colaboradores e recebidas suas devidas autorizações.

Formam um conjunto de histórias de vida de colaboradores representantes da primeira e segunda geração de descendentes eslavos nascidos no Brasil (filhos e netos de imigrantes), sendo cinco descendentes de ucranianos e um descendente de polonês.

---

<sup>3</sup> Espécie de mochila adaptada de sacos para embalagem de cereais, em que se amarravam cordas ou tiras em suas extremidades até sua abertura constituindo-se assim alças improvisadas. O instrumento foi amplamente utilizado pelos primeiros moradores dos projetos de colonização implantados pelo INCRA em Rondônia para transportarem, a pé, mantimentos, sementes e demais produtos da sede dos projetos até os núcleos de povoamento ou até suas propriedades rurais, bem como pequenas quantidades de produtos destinados a venda de suas propriedades até os núcleos de povoamento.





#### 4 Os colaboradores

Conforme íamos procurando pelos possíveis interlocutores da pesquisa, através das listas ou novas indicações por aqueles já envolvidos nela, descobríamos outros narradores potenciais para o trabalho com a história oral de vida.

Os seis colaboradores entrevistados, todos com mais de 60 anos de idade, têm em comum a tradição camponesa, mesmo àqueles residem na cidade; declaram a profissão fervorosa do catolicismo; vivem em Rondônia há mais de 30 anos; manifestam profunda dedicação e importância ao trabalho como garantia de tranquilidade financeira futura; um exacerbado medo da miséria, o que lhes direciona para a valorização do trabalho.

No conjunto das entrevistas, suas mais diversas lembranças acenam para o grau de desenvolvimento do sentimento de pertença ao novo lugar de moradia. Se a busca pelo lugar de destino frente à necessidade de (re)ordenamento do viver se configura sempre como um processo de desterritorialização e que poderá ser acompanhado ou não pelo processo de construção de um novo território, as entrevistas permitem-nos apreender em que condições se manifestam tais processos em nossos colaboradores.

A reterritorialização pode ou não acontecer imediatamente após a desterritorialização, pode até não acontecer. Se a construção do território é ação carregada de subjetividade (TEIXEIRA, 2008), não desenvolver o sentimento de pertença ou no mínimo um sentimento de afetividade em relação ao lugar de destino, fará o migrado sentir-se eternamente desterritorializado, ou seja, sob uma condição que provoca no indivíduo estado de alienação, estranhamento que são também desculturação como nos adverte M. Santos (2006).

Em casos de migrações espontâneas ou mesmo dirigidas, isto pode explicar a busca de indivíduos ou famílias por lugares de destino para onde já migraram seus pares satisfazendo, dessa forma, a necessidade de sentir-se reterritorializado.

Apresentamos a seguir, alguns fragmentos de falas de três dos nossos colaboradores e que nos permitem notar se houve ou não envolvimento com o local da nova moradia no processo de territorialização. Aqui, os identificaremos genericamente





por tratamentos familiares da língua ucraniana e que transliterados para o português serão chamados *Bába* (avó), *Dydo* (avô) e *Vuyko* (tio):

- **Bába:** *Paremos aqui, arrumamos as barracas e assim ficamos cinco meses embaixo da barraca, muito mosquito, muito calor. As barracas eram de lona. Mas olha só, era só com duas paredes. O resto era aberto, no mato. Então paramos nesse acampamento e de lá os meus filhos já foram no INCRA que veio pra cá e escalou um terreno pra eles, mas eles tiveram que abrir uma estrada pra poder chegar até lá porque era sertão fechado.*

*Eles foram em quatro [...] Então começaram a abrir o sertão, fizeram outra barraca lá. Depois de quinze dias voltaram pro nosso acampamento, mas logo foram de novo e já levaram mais gente e motosserra, levaram um caminhão meio de arrasto, um jipe traçado que trouxemos do Paraná. Trouxemos tudo do Paraná pra poder entrar, tinha lugar que só o jipe entrava.*

- **Dydo:** *Eu morava lá em Ivaiporã, eu tinha minhas amizades, tinha meus compadres. Tudo gente boa, ucranianos e brasileiros, tudo junto. E aqui, eu vim só com a minha família. [...] Então hoje eu tenho amizade, meus amigos, minhas amigas, mas uma coisa que eu não gosto muito daqui, é o comunicado do povo. Ele passa e não fala um bom dia, boa tarde, só fala oi. Oi pra mim é breque de burro que você puxa na rédea e fala oi. É interessante viu, aqui moro eu e as duas filhas, então eu gosto porque eu tenho meu trabalho, minhas filhas tem trabalho [...]. Porque a gente tem que pensar muito, eu por exemplo [...] não tenho uma filha que não seja trabalhadeira, tenho filho que é trabalhador [...] eu acho que isso é uma benção de Deus!*

- **Voyko:** *Só que seja daqui ou seja dali, a melhor coisa foi vir pra cá. Porque lá no Paraná provavelmente eu não ia conseguir o que consegui aqui... de maneira alguma!*

Suas narrativas estão repletas de lembranças pessoais, familiares e coletivas. São capazes de narrar diálogos inteiros de conversas ocorridas há mais de 50 anos. Exercem nesses momentos o que Ecléa Bossi (1987) garante ser a função própria da velhice: a de lembrar passando então, a ser a memória da família, do grupo, da sociedade.

*Dydo* privilegia o tempo do trabalho inserido em seu tempo e seu mundo de produção. E assim, ao longo de toda a nossa conversa foi tecendo suas lembranças com incrível riqueza de detalhes, refazendo diálogos completos com a companheira, com



vizinhos, compadres e clientes de seu bolichão, com funcionários de bancos ou compradores de seus produtos, evidenciando pelas lembranças o valor que dá ao trabalho como constituidor de patrimônio financeiro e de seguridade futura. Quando se refere à vinda da família para Rondônia, também o faz sob a ótica do trabalho enquanto oportunidade de estabilização financeira conquistada em Rondônia. Entretanto, em sua manifestação de afetividade com o lugar, demonstra-se desterritorializado, seu sentimento de pertença ao lugar se dá com o Paraná, mas pela sua idade avançada sabe que suas voltas à terra natal são somente a passeio.

*Bába* e *Vuyko* privilegiam as memórias da chegada em Rondônia como processos de (re)construção de suas vidas, suas memórias formam a memória social do município de Rolim de Moura. Ao acionar as lembranças narram a chegada e o enfrentamento de uma região desconhecida e inóspita, e que ao longo de três décadas passou por profundos processos de modernização e urbanização.

Do repertório destas lembranças, constroem a memória coletiva da Zona da Mata Rondoniense ao registrarem as trajetórias migratórias individuais formadas por depoimentos sobre as propagandas do novo Estado que os atraiu à região; a longa duração da viagem feita em caminhões transportando a família, a mudança, os animais e os seus instrumentos agrícolas; a chegada à região, as moradias iniciais sob as lonas ou construídas com troncos e galhos de coqueiros; os longos percursos a pé com o peso do cacaió nas costas carregando alimentos ou sementes... a realização do sonho de acesso à terra.

*Bába*, assim como *Dydo* manifesta muitas saudades do Paraná, afirma que se pudesse voltaria para uma das cidades onde morou. Analisando o teor de suas manifestações também podemos considerá-la desterritorializada, ao longo do tempo vivido em Rondônia e no município de Rolim de Moura, não conseguiram desenvolver uma sólida relação de afetividade com o lugar.

Já em *Vuyko* notamos posicionamento bastante diferenciado, isto fica evidente no fragmento de sua fala apresentado acima, implicitamente manifesta que sua migração para Rondônia foi a possibilidade de construção de patrimônio financeiro e de vida, mas também demonstra a certeza de escolha certa e quando manifesta tal acerto fica evidente seu carinho pelo lugar.



De maneira geral, as seis entrevistas obtidas sob a técnica da história oral são semelhantes e complementa-se entre si, promovem uma coesão de lembranças e, que por certo, fazem parte do conjunto que é a memória coletiva da Zona da Mata Rondoniense.

## 5 Em busca de conclusões

Apesar de encerrados os trabalhos de campo, com parte significativa dos dados já tabulada, consideramos ser ainda precipitado estabelecer conclusões, a própria tessitura da tese vai desmistificando algumas ideias inicialmente construídas com o estudo exploratório. Entretanto, no processo de consolidação deste estudo de caráter socioantropológico, podemos afirmar que se trata de população de tradição camponesa com histórias de vidas marcadas pelo fenômeno da migração. A explicação para a perpetuação do fenômeno através das gerações está sempre relacionada ao processo de expropriação e nova busca pelo “sonho da terra”. Quanto aos processos de reterritorialização, estes se materializam de forma eminentemente individual, independente de conquistas [financeiras] efetivadas no novo território, de idade, de sexo ou da extensão do grupo familiar migrado. Para alguns interlocutores da pesquisa, Rondônia, em geral, e a Zona da Mata Rondoniense, em especial, são sentidas como o Eldorado ou a Nova Canaã, para outros, configuram somente o lugar do exílio.

## REFERÊNCIAS

BINSZTOK J. 2012. **Projetos integrados de colonização:** paradigma da contra reforma agrária promovido pelo regime militar nos anos 70 na Amazônia. In: BINSZTOK J.; TUBALDINI, M. A. (orgs.). **Sociedade, ruralidade, ambiente e comunidade em Rondônia:** desafios e perspectivas. Pp. 11-21. Belo Horizonte: Fino Traço Editora.

BOSSI, E. **Memória e sociedade:** lembranças de velho. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico.** Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2012.



CUNHA, J. M. P.; BAENINGER R. (coord.). **Redistribuição da população e meio ambiente**: São Paulo e Centro Oeste 4. Campinas, SP: UNICAMP, NEPO, 1999.

MACIEL, M. N. **O espaço lembrado**: experiências de vida em seringais amazônicos. Manaus: EDUA, 2013.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de História Oral**. 5 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

PAULA, J. M. de. **KARO e IKÓLÓÉHJ**: escola e seus modos de vida. Porto Velho, Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Rondônia, 2008.

PAULINO, E. T. **Por uma geografia dos camponeses**. São Paulo: editora da UNESP, 2012.

POLLAK, M.. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, nº. 3, 1989. Disponível em [www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/43](http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/43). (pdf), acesso 23/11/2006.

SANTOS, C.. **A Fronteira do Guaporé**. Porto Velho: EDUFRO, 2007.

SANTOS, M.. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4ª ed. São Paulo: EDUSP, 2006.

SANTOS, N. **Seringueiros da Amazônia**: sobreviventes da fatura. São Paulo: FFLCH – USP, 2002 (Tese de Doutorado). Disponível em [www.teses.usp.br](http://www.teses.usp.br) (pdf), acesso 25/05/2006.

SEYFERTH, G. **Imigrantes colonos**: ocupação territorial e formação camponesa no sul do Brasil. In: NEVES, Delma P. (org.). **Processos de constituição e reprodução do campesinato do Brasil**. São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2009.

TEIXEIRA, C. C. **Visões da natureza**: seringueiros e colonos em Rondônia. São Paulo: EDUC, 1999.

TEIXEIRA, I. R. **O conceito de território e seu emprego nos estudos sobre migrações**: contribuições geográficas para a Sociologia. DIALOGUS, Ribeirão Preto, v.4, n.1, 2008. Disponível em: <http://baraodemaua.br/comunicacao/publicacoes/dialogus/2008/pdf>. Acesso em 18/01/2015.

## **The methodological approach of the research Our Earth in other lands: the Slavs descended from the Zona da Mata Rondoniense**



**Abstract:** This paper outlines the initial steps of field research carried out for the construction of the thesis *Our Land in other lands: the Slavic descent in Rondoniense Forest Zone*. The research is part of the Graduate Program Society and Culture in the Amazon, in the Federal University of Amazonas and aims to analyze, from processes and repossession of Paraná migrants descendants of Polish and Ukrainian the occurrence of building new territories harboring their original way of life that sociogeographic space. The geographical cutout extends from the town of Rolim de Moura, Novo Horizonte do Oeste and Nova Brasilândia do Oeste, it was used the forms application technique associated with the technique of oral life history, understanding that such association is able to rescue the local's sociogeographic space construction considering the experiences of their own builders.

**Keywords:** Oral history. Slavs. Migrations. Rondônia.